



Fonte: Bloomberg, Eurostat

Economia grega está estagnada. O que é um bom desenvolvimento após três anos de depressão.

CHRISTIAN SCHULZ
Economista do Berenberg

reiro de 2012 que só “pagam” se a economia atingir um dado crescimento até 2022. Por serem “hedge funds”, que tendem a negociar no curto prazo, não quererão conservar os títulos até essa altura, mas as apostas comprovam que são cada vez mais os que acreditam que o fluxo de notícias positivas so-

bre a Grécia continuará.

Os sinais de que a economia terá tocado no fundo, ainda que um crescimento sólido possa estar ainda longe no horizonte, tem sido o suficiente para melhorar a imagem da Grécia aos olhos dos investidores globais. Mas o factor crucial é que a saída do euro é agora vista como menos provável. Só perante riscos menores de saída do euro (nos mercados baptizada de “Grexit”) se pode falar numa recuperação (“Greecovery”).

Contudo, Nikos Lianeris diz que “o risco de saída do euro só será 100% afastado quando houver um alívio da dívida aos fundos europeus”. Stergios Leventis, da Internacional Hellenic University, concorda que “cresce a percepção de que uma nova reestruturação é inevitável e incidirá sobre a dívida à Europa”. A hipótese tem sido descartada por figuras próximas de Berlim, mas o presidente do Eurogrupo admitiu em Maio que “algum tipo de alívio” pode ser equacionado em 2014.



PERGUNTAS A

● **YANIS VAROUFAKIS**

PROFESSOR DE ECONOMIA NA UNIVERSIDADE DE ATENAS

“A dívida ainda é insustentável e terá de haver um novo perdão, mas só após as eleições alemãs”

A recuperação dos preços de acções e da dívida gregas diz-nos que também a economia pode recuperar?

Os mercados estão completamente dissociados da realidade. Mas isso não significa que estejam a agir de forma irracional, pelo contrário. Não há quaisquer dúvidas de que a dívida é insustentável e que irá haver uma terceira reestruturação. Houve o envolvimento do sector privado na operação de troca em Fevereiro de 2012 e a recompra feita em Dezembro, que causou perdas sobretudo aos bancos nacionais. Na verdade, a Grécia é o único país do mundo que reestruturou a dívida de forma tão significativa e, no entanto, esta continua em níveis insustentáveis. A melhoria dos preços das obrigações deve-se ao facto de agora existirem muito poucas no mercado, em mãos privadas, apenas 11% do “stock” total. E acredita-se que quando houver um novo perdão, terá necessariamente de incidir sobre a dívida oficial, a dívida aos contribuintes europeus. Não valerá a pena envolver os privados, não fará grande diferença pelo montante baixo que resta.

Quando acredita que poderá acontecer esse “perdão” da dívida aos parceiros europeus?

Não é possível dizer, porque a Europa já provou que é perfeitamente capaz de desperdiçar tempo e dinheiro. Têm feito isso constantemente. Adiaram a primeira reestruturação por um ano e meio, o que foi desastroso para a Grécia e para toda a Europa, porque transferiu grandes quantidades de dívida do sector privado para os contribuintes europeus e para o BCE. Adiaram e fingiram, aumentando o custo para todos. Portanto é provável que tentem adiar também este problema o mais possível. A reestruturação poderá passar pela passagem das taxas de juro para zero e pela extensão dos empréstimos “ad infinitum”. Mas ninguém quer discutir isso, pelo menos,

O risco de saída do euro é menor, mas a Grécia continua em estado de calamidade.

Enquanto esta “cleptocracia” deste governo continuar a conspirar com os bancos, será difícil crescer.

antes das eleições federais na Alemanha, este Outono.

A saída do euro ainda é um risco?

Menos. Não por alguma coisa boa que esteja a acontecer na economia, mas porque a vontade política na Europa inverteu-se nesse sentido. Em Maio de 2012, era evidente que muita gente na Alemanha queria expulsar a Grécia da Zona Euro. Mas em Junho o Sr. Draghi disse a Merkel que, por via do contágio a países como Espanha e Itália, teria muitas dificuldades em salvar a moeda única caso a Alemanha não retirasse esse cenário de cima da mesa. Depois houve o famoso discurso de Draghi em Londres, em Julho, de que o euro era “irreversível” e algumas semanas depois Merkel foi à China e o chineses disseram-lhe que se ela queria que a China

comprasse um terço das obrigações do Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), ela teria de acabar com estes disparates de expulsar a Grécia. Aí, Merkel veio a Atenas e disse ao Governo grego que ia ficar, que não ia sair. O risco de saída do euro é menor, mas isso não invalida o facto de a Grécia continuar em estado de calamidade. E vai continuar assim, sobretudo se as políticas europeias de austeridade permanecerem na mesma.

Será impossível regressar ao crescimento antes desse novo “perdão”?

Mesmo isso não será suficiente, porque o problema na Grécia é o sector bancário. Neste momento está a existir um processo de recapitalização dos bancos, mas o que está a acontecer é tudo menos isso. É um desperdício de muito dinheiro dos contribuintes europeus, algo como 50 mil milhões, que estão, já agora, a ser adicionados à dívida nacional. O objectivo do exercício não é mais do que manter os banqueiros no comando das operações. Não está a ajudar os bancos a emprestar à economia, está a restabelecer a riqueza dos banqueiros. Enquanto esta “cleptocracia” a que chamamos governo continuar a conspirar com os bancos para que nada mude, será muito difícil voltar ao crescimento. Temo que possamos tornar-nos um protectorado como o Kosovo.

A durabilidade do governo está a surpreendê-lo?

Não. Eu nunca pensei, como alguns, que o governo cairia rapidamente. Sobretudo graças ao apoio europeu e porque os pequenos partidos da coligação seriam incapazes de deitar o governo abaixo, porque seriam dizimados em eventuais eleições. As pessoas votariam na oposição, no Syriza. Além disso, os bancos estão, curiosamente, a usar algum do dinheiro europeu para apoiar, através da publicidade, alguns meios de comunicação chave. **EC**